

**Estratégias de enfrentamento de pesquisadoras negras
como forma de permanência na ciência**

***Coping strategies of black female researchers as a way to
remain in science***

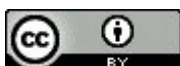
***Estrategias de afrontamiento de las investigadoras negras
como forma de permanecer en la ciencia***

***Les stratégies d'adaptation des chercheuses noires pour
rester dans le domaine Scientifique***

**Letícia Pereira de SOUZA¹
Rodrigo Silva Caxias de SOUSA²**

Correspondência

Autor para correspondência: Letícia Pereira de Souza
Endereço completo: Rua São Lucas 710 - Porto Alegre, RS
E-mail: leticiasouza.rs@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6129-2337>



Submetido em: 15/09/2025

Aceito em: 04/12/2025

Publicado em: 30/12/2025

¹ Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2024). Bacharela em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2021).

² Professor Adjunto III do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (2000). Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2003). Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011).

RESUMO

O presente estudo investigou as percepções de pesquisadoras negras da Ciência da Informação acerca das estratégias adotadas diante de violências e injustiças epistêmicas nos espaços acadêmicos. A discussão teórica aborda os conceitos de epistemicídio, injustiça epistêmica, pacto da branquitude e privilégio epistêmico. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, buscando responder empiricamente ao problema de pesquisa por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com sete pesquisadoras negras da Ciência da Informação. Os relatos das pesquisadoras foram apresentados sob pseudônimos escolhidos por elas: *Beatriz Nascimento*, *Beyoncé*, *Débora*, *Maya Angelou*, *Expedita*, *Maria Antonieta* e *Aqaltune*. O método utilizado para análise das entrevistas foi a Análise Episódica de Grada Kilomba, de forma que cada uma das respostas gerou sete episódios que versam sobre estratégias de enfrentamento às violências e injustiças epistêmicas no meio acadêmico. As análises dos episódios se concentraram nas estratégias de enfrentamento. Como conclusão, constatamos que as injustiças epistêmicas se sustentam pela deslegitimação e descredibilização do conhecimento proveniente de grupos sociais considerados subalternos, como as mulheres negras. Nesse ambiente, elas enfrentam diversas situações de não reconhecimento de suas contribuições epistêmicas. No entanto, as pesquisadoras continuam resistindo ao ambiente hostil que as cerca, buscando apoio entre seus pares acadêmicos que compartilham de suas dores e realidades semelhantes.

Palavras-chave: Violência epistêmica; Injustiça epistêmica; Enfrentamento ao racismo; Pesquisadoras negras; Racismo acadêmico.

ABSTRACT

This study investigated the perceptions of Black women researchers in Information Science regarding the strategies adopted to confront violence and epistemic injustices within academic spaces. The theoretical discussion addresses the concepts of epistemicide, epistemic injustice, the whiteness pact, and epistemic privilege. This research is characterized as qualitative and exploratory, seeking to empirically respond to the research problem through semi-structured interviews conducted with seven Black women researchers in Information Science. The participants' accounts were presented under pseudonyms they chose themselves: *Beatriz Nascimento*, *Beyoncé*, *Débora*, *Maya Angelou*, *Expedita*, *Maria Antonieta*, and

Aqaltune. The method used for interview analysis was Grada Kilomba's Episodic Analysis, in which each response generated seven episodes focused on strategies for confronting violence and epistemic injustices in academia. The analyses concentrated on coping strategies. As a conclusion, we found that epistemic injustices are sustained by the delegitimization and discrediting of knowledge produced by socially subordinated groups, such as Black women. In this environment, they face various situations in which their epistemic contributions are not recognized. Nevertheless, the researchers continue resisting the hostile environment around them, seeking support among their academic peers who share similar struggles and realities.

Keywords: Epistemic violence; Epistemic injustice; Confronting racism; Black women researchers; Academic racism.

RESUMEN

El presente estudio investigó las percepciones de las investigadoras negras de Ciencias de la Información acerca de las estrategias adoptadas frente a las violencias e injusticias epistémicas en los espacios académicos. La discusión teórica aborda los conceptos de epistemicidio, injusticia epistémica, pacto de la blancura y privilegio epistémico. Esta investigación se caracteriza como cualitativa y exploratoria, con el propósito de responder empíricamente al problema de investigación mediante entrevistas semiestructuradas realizadas con siete investigadoras negras de Ciencias de la Información. Los relatos de las investigadoras fueron presentados con seudónimos escogidos por ellas: *Beatriz Nascimento, Beyoncé, Débora, Maya Angelou, Expedita, María Antonieta y Aqaltune*. El método utilizado para el análisis de las entrevistas fue el Análisis Episódico de Grada Kilomba, de manera que cada respuesta generó siete episodios sobre estrategias de enfrentamiento a las violencias e injusticias epistémicas en el ámbito académico. Los análisis de los episodios se centraron en las estrategias de resistencia. Como conclusión, constatamos que las injusticias epistémicas se sostienen en la deslegitimación y el descrédito del conocimiento proveniente de grupos sociales considerados subalternos, como las mujeres negras. En este entorno, ellas enfrentan diversas situaciones de no reconocimiento de sus contribuciones epistémicas. No obstante, las investigadoras continúan resistiendo al ambiente hostil que las rodea, buscando apoyo entre sus pares académicos que comparten sus dolores y realidades semejantes.

Palabras clave: Violencia epistémica; Injusticia epistémica; Enfrentamiento al racismo; Investigadoras negras; Racismo académico.

RÉSUMÉ

Cette étude a examiné les perceptions des chercheuses noires en sciences de l'information concernant les stratégies adoptées pour faire face à la violence et aux injustices épistémiques dans les espaces universitaires. La discussion théorique aborde les concepts d'épistémicide, d'injustice épistémique, de pacte de blancheur et de privilège épistémique. Cette recherche est de nature qualitative et exploratoire, cherchant à répondre empiriquement au problème de recherche à travers des entretiens semi-structurés menés auprès de sept chercheuses noires en sciences de l'information. Les témoignages des participantes ont été présentés sous des pseudonymes qu'elles ont elles-mêmes choisis : Beatriz Nascimento, Beyoncé, Débora, Maya Angelou, Expedita, Maria Antonieta et Aqaltune. La méthode utilisée pour l'analyse des entretiens était l'analyse épisodique de Grada Kilomba, dans laquelle chaque réponse a généré sept épisodes axés sur les stratégies de lutte contre la violence et les injustices épistémiques dans le milieu universitaire. Les analyses se sont concentrées sur les stratégies d'adaptation. En conclusion, nous avons constaté que les injustices épistémiques sont entretenues par la délégitimation et le discrédit des connaissances produites par les groupes socialement subordonnés, tels que les femmes noires. Dans cet environnement, elles sont confrontées à diverses situations dans lesquelles leurs contributions épistémiques ne sont pas reconnues. Néanmoins, les chercheuses continuent de résister à l'environnement hostile qui les entoure, en cherchant le soutien de leurs pairs universitaires qui partagent des luttes et des réalités similaires.

Mots clés : Violence épistémique; Injustice épistémique; Lutte contre le racisme; Chercheuses noires; Racisme universitaire.

1 INTRODUÇÃO

Discussões que busquem elucidar violências em relação às mulheres negras em espaços acadêmicos têm se materializado, ainda que muito recentemente, na produção científica no âmbito da

Ciência da Informação no Brasil. Desdobram-se e articulam-se essas violências a um conjunto expressivo de práticas sociais advindas de uma lógica de colonialidade do saber. A colonialidade do saber se desenvolve ao longo da modernidade, a partir do momento em que se subalterniza formas de conhecimento que não se encaixam no modelo ocidental hegemônico imposto, impedindo seu desenvolvimento (Silva; Baltar; Lourenço, 2018).

Em contrapartida, é preciso destacar que movimentos epistemológicos vêm sendo realizados em prol de combater a herança do colonialismo. Destaca-se, aqui, o movimento da decolonialidade, cujo pensamento recusa a ideia de que a colonização é um movimento findado, e busca denunciar, combater e desafiar as estruturas de poder a partir de uma abordagem crítica.

Dessa forma, este trabalho se alinha ao movimento decolonial, a partir da discussão acerca da injustiça em relação ao conhecimento produzido por mulheres negras na academia, e trazendo como ponto central as estratégias que essas pesquisadoras utilizam para (r)existir neste espaço desigual e racista. Como problema de pesquisa, este estudo busca responder: “quais as estratégias de enfrentamento utilizadas por pesquisadoras negras da Ciência da Informação em relação à injustiça epistêmica em sua vivência e práticas acadêmicas?” E como objetivo desta pesquisa temos: “apresentar as estratégias utilizadas por pesquisadoras negras da Ciência da Informação para enfrentar a injustiça epistêmica na academia.” A relevância desse objetivo reside na urgência de reconhecer e visibilizar os modos pelos quais essas mulheres negras pesquisadoras constroem estratégias de resistência e produzem conhecimento apesar das barreiras estruturais que tentam silenciá-las. Ao evidenciar essas estratégias, o estudo contribui para ampliar

o debate sobre equidade no campo científico e fortalecer perspectivas decoloniais que desafiam a lógica hegemônica de produção do saber.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Inicialmente é importante discorrer acerca dos estudos decoloniais surgidos após o rompimento de alguns estudiosos com o grupo de Estudos Subalternos, alicerçado pelo pensamento pós-colonial e que investigava principalmente o processo de colonização na África e na Ásia entre os séculos XVIII e XX. Dessa forma, nasce o grupo denominado Modernidade/ Colonialidade (M/C), composto por nomes como Aníbal Quijano, Walter D. Mignolo, Immanuel Wallerstein, Nelson Maldonado-Torres e Boaventura de Sousa Santos, que perceberam a necessidade de aprofundar questões relacionadas à América Latina. Isso ocorreu porque compreenderam que a colonização se deu de maneiras distintas e peculiares em várias regiões do mundo, tornando imprescindível o estudo das especificidades da América Latina (Ballestrin, 2013; Silva; Baltar; Lourenço, 2018). Portanto, a decolonialidade se desdobra como “[...] uma via teórica e prática de desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostas aos povos colonizados há séculos, além de perfazer ainda uma crítica radical à modernidade e ao capitalismo [...]” (Nascimento, 2021, p. 55). A distinção entre decolonialidade e descolonialidade está na sua natureza: enquanto a decolonialidade se contrapõe à colonialidade, a descolonialidade se opõe ao colonialismo. Grada Kilomba (2019, p. 224) explica que “Descolonização refere-se ao desfazer do colonialismo. Politicamente o termo descreve a conquista da autonomia por parte

daquelas/es que foram colonizadas/os, e, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia."

Partindo, portanto, do pressuposto de que vivemos em um país que teve suas riquezas materiais usurpadas pela colonização, bem como houve o epistemicídio sistemático em relação ao conhecimento dos povos originários, é importante compreender que esses acontecimentos deixaram marcas profundas na forma como se produz conhecimento e, conseqüentemente, definiram os espaços legítimos de apreensão desses saberes, criando barreiras de acesso para pessoas negras e outros grupos historicamente subalternizados. Por esse motivo, trazemos o conceito de injustiça epistêmica, que explica como o conhecimento pode ser desvalorizado por conta de preconceitos, que são oriundos de um sistema colonial que hierarquiza saberes e sujeitos.

Miranda Fricker (2007), ao criar o termo "injustiça epistêmica", intencionava delinear um tipo particular de dano que ocorre quando uma pessoa subestima ou menospreza o *status* de sujeito epistêmico de outra pessoa. Cabe ressaltar que essa forma de injustiça trazida pela autora é, acima de tudo, uma maneira de discriminação, seja direta ou indireta. O conhecimento passa a ser atravessado por essas relações de poder e é formado a partir desse arquétipo que lhe é concedido, dessa maneira vemos o conhecimento eurocêntrico tomando a proporção de "conhecimento universal" ou "conhecimento único", colocando-se como a forma "correta" de pensar e de criar. Esse processo, então, é visto como um "genocídio intelectual" e é considerado uma violência epistêmica:

A violência epistêmica se apresenta como uma relação de poder e dominação perpetrada no campo do conhecimento, permitindo que determinada visão de mundo se imponha sobre outras, impossibilitando sistemas de conhecimento e produção de saberes alternativos e alterando as visões dos povos colonizados (Gnecco, 2009 *apud* Silva; Baltar; Lourenço, 2018, p. 71).

A filósofa inglesa desenvolveu o conceito com base em discussões de ética aplicada e teorias da virtude, enfatizando a importância de considerar a distribuição de poder na sociedade como um recurso fundamental para entender a estrutura da nossa economia epistêmica.

Para Miranda Fricker (2007), a injustiça epistêmica se divide em dois tipos: *injustiça hermenêutica* e *injustiça testemunhal*. Hermenêutica, do grego *hermeneuein*, entende-se como a filosofia da interpretação, dessa forma, a *injustiça hermenêutica* se refere a uma marginalização estrutural que impede os indivíduos de determinados grupos sociais de expressarem suas experiências de forma que sejam consideradas legítimas e válidas no âmbito do conhecimento. Em suma, a injustiça hermenêutica é uma forma de opressão que impede algumas pessoas de serem ouvidas e reconhecidas devido a um conjunto de informações que edifica barreiras culturais e conceituais que dificultam a expressão e a compreensão de suas experiências (Demétrio; Bensusan, 2019).

De acordo com Fricker (2021), a falta de conceitos compartilhados entre o falante e o ouvinte pode resultar em uma compreensão insuficiente do que está sendo proposto. Isso ocorre devido à distribuição desigual de "oportunidades hermenêuticas", o que significa que nem todos têm acesso igual às ferramentas necessárias para interpretar e compreender informações. Em

resumo, a injustiça epistêmica hermenêutica ocorre quando há a falta recursos interpretativos para dar sentido às experiências sociais (Fricker, 2007).

Sherman e Goguen (2019) analisam, no livro *Overcoming epistemic injustice: social and psychological perspectives*³, alguns desdobramentos da injustiça epistêmica no campo da Sociologia e da Psicologia. Na interpretação dos autores, a injustiça epistêmica hermenêutica se relaciona com preconceitos estruturais e coletivos. Assim afirmam os autores:

Parte da natureza da Injustiça Epistêmica é que pode ser difícil para as pessoas, especialmente aquelas com identidades sociais mais privilegiadas, perceberem onde existem lacunas em sua compreensão coletiva. Em vez disso, a base dessa injustiça é a exclusão de grupos marginalizados do processo coletivo de criação de significados. Sempre que grupos têm negada a oportunidade de expressar suas experiências, serem ouvidos por outros e alcançarem novos entendimentos coletivos, a situação está propícia para a injustiça epistêmica (Sherman; Goguen, 2019).

Portanto, podemos compreender que as pessoas que fazem parte de grupos sociais privilegiados não percebem suas próprias limitações de conhecimento ou suas crenças preconceituosas, o que leva à perpetuação da injustiça epistêmica. Sherman e Goguen (2019) ainda apontam outra forma de injustiça que combina elementos de injustiça hermenêutica e ignorância privilegiada. Segundo os autores, Miranda Fricker (2007) cita exemplos nos quais os opressores nem sempre se dão conta da injustiça cometida; ela fala de formas muitas vezes não intencionais de injustiça. No entanto,

³ Tradução livre do título do livro: *Superando a injustiça epistêmica: perspectivas sociais e psicológicas*.

para Sherman e Goguen (2019), há injustiças conscientes cometidas, como, por exemplo, a segregação racial, na qual os membros do grupo oprimido, juntos, são capazes de compreender e conceituar a opressão à qual são submetidos, mas o grupo que os oprime ignora e menospreza esse entendimento, escolhendo dar continuidade àquele sistema de violência e injustiça.

Por sua vez, a *injustiça testemunhal* se refere à desvalorização do conhecimento de determinado grupo devido a preconceitos relacionados à identidade, tais como: raça, classe, religião, sexualidade e gênero. Para Fricker (2021), o fator decisivo que caracteriza a injustiça testemunhal é a ausência de manipulação deliberada e consciente por parte do ouvinte. Em outras palavras, a injustiça testemunhal não é resultado de uma intenção maliciosa do ouvinte em desconsiderar o conhecimento do falante, mas sim de preconceitos inconscientes que podem levar o ouvinte a subestimar ou rejeitar o conhecimento do falante.

Morán (2019), por meio de um olhar da CI, define que injustiça testemunhal se refere aos emissores da informação, uma vez que se trata de desacreditar certos grupos sociais marginalizados impedindo que sua voz e experiência possam ser considerados insumos de conhecimento. Como exemplo, o autor cita os “arquivos vivos”, que são testemunhos de vítimas de violação de direitos humanos.

Fricker (2007) assinala que a injustiça testemunhal pode manifestar-se de duas maneiras: quando se atribui a um falante uma credibilidade superior ao que de fato seria justificável, caracterizando um excesso de credibilidade; ou quando se lhe concede menos credibilidade do que seria apropriado, resultando em um *déficit* de credibilidade. Como exemplo de déficit de credibilidade, a autora discute situações em que falantes possuem um sotaque ou uma

forma de pronúncia percebida pelo ouvinte como distinta da sua. Essa distinção pode se dar por determinados antecedentes educacionais, por classe social ou pela região à qual o falante pertence. Dessa forma, Fricker (2007) reitera que tais marcadores regionais presentes na fala podem ter um impacto significativo sobre a dose de credibilidade que o ouvinte concede ao emissor da informação.

A autora defende que é importante destacar essa forma de injustiça para que ela seja nomeada e combatida, já que muitas vezes estas injustiças passam despercebidas na comunicação cotidiana. Nos casos de injustiça epistêmica, o ouvinte formula um julgamento errôneo sobre a credibilidade do falante baseado em preconceitos, o que pode levar à desigualdade epistêmica na sociedade.

Desse modo, podemos pensar que as práticas de aquisição, processamento, manutenção, transmissão e troca de informação e conhecimento são essencialmente sociais e, portanto, sofrem influência da estrutura social em que os indivíduos estão inseridos (Santos, 2018). Em suma, as injustiças interferem no meio social e na validação do conhecimento e também vão interferir no meio acadêmico, nas vivências dos alunos e pesquisadores, em suas práticas científicas e na produção do conhecimento científico. É o que argumenta Harding (1998) em sua obra "*Is science multicultural?*", na qual reconhecem a existência de múltiplas perspectivas epistêmicas e defendem a inclusão de grupos historicamente marginalizados, como mulheres, povos indígenas e pessoas negras, na produção do conhecimento científico. Harding (1998) argumentam que a produção do conhecimento é influenciada por fatores sociais, políticos, econômicos e culturais.

O estudo de Johnson *et al.* (2021) relaciona a injustiça epistêmica com microagressões sofridas por grupos sociais marginalizados. Microagressões, de acordo com Sue *et al.* (2007), são injúrias verbais, intencionais ou não, que comunicam desprezo e insultos hostis e depreciativos à pessoa ou grupo alvo. De acordo com Johnson *et al.* (2021), a injustiça epistêmica apresenta um cenário profícuo para compreender por que as microagressões são resistentes à ruptura, uma vez que a injustiça epistêmica ocorre quando uma pessoa ou grupo é desacreditado e/ou desqualificado por conta de sua raça, orientação sexual, gênero, ou alguma outra característica que esteja à margem do padrão cis-hetero-normativo. As microagressões estão alinhadas principalmente à injustiça hermenêutica, uma vez que há uma falta de compreensão da sociedade em relação à realidade dos grupos sociais marginalizados (e também uma falta de interesse em querer compreender). Isso se dá pelo fato de algumas experiências e realidades serem historicamente mais retratadas do que outras, de algumas vivências estarem enquadradas dentro daquilo que se entende por “normal”, e não como “exótico/ específico/ exceção”. A partir desse cenário, as microagressões são particularmente suscetíveis à injustiça hermenêutica devido à sua sutileza e à invisibilidade para o seu perpetrador.

É importante ressaltar que, neste estudo, escolhemos estudar a injustiça epistêmica atrelada à vivência e práticas acadêmicas de mulheres negras, que possuem atravessamentos raciais e de gênero. Dessa forma, a injustiça epistêmica acaba incidindo sobre elas por conta da existência do racismo epistêmico, oriundo de todo o processo epistemicida e racista que se constituiu e se alicerçou na sociedade desde a colonização, permeando o tecido social e

institucional, e moldando o imaginário no que se refere à capacidade epistêmica das pessoas negras e ao conhecimento advindo destes povos.

Contribui para essa percepção a definição de racismo epistêmico trazida por Grosfoguel (2011, p. 102) na qual ao autor menciona que:

El racismo epistémico se refiere a una jerarquía de dominación colonial donde los conocimientos producidos por los sujetos occidentales (imperiales y oprimidos) dentro de la zona del ser es considerada a priori como superior a los conocimientos producidos por los sujetos coloniales no-occidentales en la zona del no-ser.

As zonas do ser e do não ser, para Fanon (2008), representam a visão do colonizador sobre o mundo, na qual a zona do ser seria aquela onde se encontram os homens brancos – um mundo moderno, civilizado e desenvolvido – e a zona do não ser, por sua vez, seria o mundo colonizado – não branco, atrasado e não civilizado (Santos, 2023).

Há uma zona de não-ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma rampa essencialmente despojada, onde um autêntico ressurgimento pode acontecer. A maioria dos negros não desfruta do benefício de realizar esta descida aos verdadeiros Infernos (Fanon, 2008, p. 26).

Grosfoguel (2012) ressalta que essas zonas não são um lugar ou um espaço geográfico, mas sim o reflexo das relações de poder que podem ocorrer em escala global entre centros e periferias, mas também em escala nacional e local contra diversos grupos racialmente inferiorizados. Dessa forma, entende-se que a zona do não-ser se materializa em relação aos povos colonizados, sustentando uma hierarquia epistêmica que define quais

conhecimentos são válidos e superiores, quais merecem ser estudados e transmitidos, e quais devem ser esquecidos e omitidos. Essa hierarquia não apenas marginaliza os saberes dos grupos vistos como subalternizados, mas também perpetua a injustiça epistêmica ao silenciar e deslegitimar suas vozes, implicando no estabelecimento de formas de resistência, que neste estudo observam as estratégias adotadas por pesquisadoras negras diante dessas injustiças epistêmicas vivenciadas no cotidiano. A expressão “estratégias de enfrentamento” aqui utilizada é fruto de uma transposição terminológica dos estudos da área da psicologia, que a conceituam como um conjunto de estratégias praticadas e esforços empregados pelas pessoas para lidar com situações adversas (Antoniazzi; Dell’Aglio; Bandeira, 1998).

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O estudo aqui apresentado adota uma abordagem qualitativa e busca identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas por pesquisadoras negras da Ciência da Informação em relação às violências e injustiças epistêmicas que atravessam suas vivências e práticas acadêmicas. As discussões iniciais se deram ainda no primeiro semestre de 2022, a partir da aproximação com o conceito de injustiça epistêmica, cunhado por Miranda Fricker (2007). Em seguida, realizou-se uma revisão de literatura voltada a estudos que trabalharam esse conceito, tanto na Ciência da Informação quanto em áreas afins, com o objetivo de mapear seus desdobramentos teóricos, compreender como o tema vem sendo abordado e construir o referencial analítico que orientaria a etapa empírica.

O corpus empírico do estudo é composto por entrevistas semiestruturadas com pesquisadoras negras da Ciência da Informação. As participantes foram selecionadas a partir de critérios previamente definidos, que incluíram a autodeclaração racial como pessoas negras, a atuação acadêmica no campo da Ciência da Informação, a produção científica relacionada a questões étnico-raciais e a participação no GT12 do ENANCIB nos anos de 2022 e 2023, por se tratar do grupo temático que reúne debates sobre raça, gênero e diversidade na área. A escolha por esse recorte teve o objetivo de garantir que as pessoas convidadas dispunham de repertório teórico e hermenêutico para identificar e analisar situações de injustiça epistêmica, bem como de vivências que lhes permitissem refletir criticamente sobre as desigualdades que atravessam o fazer científico.

Esse conjunto de critérios permitiu identificar 27 pesquisadoras e pesquisadores negros que cumpriam as exigências estabelecidas. Todas essas pessoas que se autodeclaravam negros e negras e apresentaram trabalhos no GT12 receberam o convite para participar do estudo, acompanhado do TCLE e do roteiro de entrevista. No entanto, **apenas pesquisadoras negras** responderam positivamente e aceitaram participar. Essa devolutiva orientou o aprofundamento analítico também nas questões de gênero, uma vez que as experiências compartilhadas expressam não apenas injustiças epistêmicas em relação a questões étnico-raciais, mas também marcadas pela condição de serem mulheres negras na academia. Para organizar os dados de contato e informações extraídas dos currículos Lattes, elaborou-se uma planilha .xlsx. A opção por manter o anonimato das participantes foi tomada em razão da natureza sensível dos relatos, frequentemente atravessados por

situações de violência vividas nos próprios espaços institucionais em que atuam, o que exigia um ambiente seguro para o compartilhamento dessas experiências.

As pesquisadoras receberam o convite individualmente por e-mail, contendo apenas um remetente e um destinatário. Junto ao convite, foram enviados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o roteiro de entrevista. Ao todo, obtiveram-se sete devolutivas de aceite. As entrevistas foram realizadas por meio do serviço de webconferência institucional da UFRGS, o Mconf, entre os dias 21 e 28 de março de 2024. Optou-se por esse software devido às garantias de segurança dos dados e à disponibilidade de ferramentas de gravação, imprescindíveis para a posterior transcrição. Cada participante enviou previamente o TCLE assinado e escolheu o horário mais adequado para a realização da entrevista.

A tipologia de entrevista adotada foi a semiestruturada, por permitir maior fluidez ao diálogo e não se restringir a perguntas fechadas, embora esteja ancorada em um roteiro pré-estabelecido que orienta o percurso da conversa. A decisão de manter o anonimato das participantes revelou-se adequada ao longo do processo, dada a sensibilidade dos relatos e o envolvimento direto de colegas, docentes e instituições como potenciais agentes das situações narradas. Cada participante escolheu um pseudônimo: *Beatriz Nascimento*, *Débora*, *Beyoncé*, *Expedita*, *Maria Antonieta*, *Maya Angelou* e *Aqaltune*. Este pseudônimo foi utilizado na etapa de análise e apresentado em itálico para evitar confusões com nomes reais de autoras ou personalidades reconhecidas.

Após a realização das entrevistas, procedeu-se à transcrição do material com o auxílio do software TurboScribe. Considerando a riqueza de detalhes presentes nas narrativas, optou-se pela

aplicação do método de Análise Episódica, que, segundo Kilomba (2019, p. 88),

[...] descreve diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas do racismo cotidiano. A composição de vários episódios revela não apenas a complexidade de experienciar o racismo - seus cenários diversos, atores e temas-, mas também sua presença ininterrupta na vida de um indivíduo. Essa forma de análise episódica também me permite escrever com um estilo similar à forma de contos, que, como descrito anteriormente, transgride o modo acadêmico tradicional.

A autora explica que os capítulos construídos a partir das entrevistas consistem em análises interpretativas fundamentadas na teoria psicanalítica e pós-colonial de Frantz Fanon. É com base nesse referencial que Kilomba (2019) desdobra as narrativas das entrevistadas em interpretações que evidenciam as manifestações do racismo cotidiano.

No caso deste estudo, analisamos as entrevistas a partir do referencial teórico apresentado nas seções anteriores, sendo o conceito de injustiça epistêmica de Miranda Fricker (2007) o principal balizador dessas análises.

Este projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil para apreciação e análise do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, de acordo com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que normatiza pesquisas envolvendo seres humanos.

3 OS EPISÓDIOS COMO ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Em relação aos episódios apresentados a seguir, as estratégias de enfrentamento dizem respeito às situações de injustiça

epistêmica vivenciadas por pesquisadoras negras em sua vivência e prática acadêmica.

[...] tá na hora da gente falar

- *Beatriz Nascimento*

Então tá na hora da gente falar porque nossa própria experiência também traz sim um pouco do que a gente tá levando pra pesquisa, porque se eu tô falando de raça e tô falando de resistência e pontos de resistência estrutural ou não, e sobre a desigualdade eu tenho uma experiência também sobre isso, dentro do meu lugar, que não é como a maioria das pessoas negras. Então é a questão de se colocar na pesquisa que hoje a gente tem buscado.

Ao iniciar o processo analítico sobre as estratégias mencionadas, observa-se que o primeiro relato apresentado evidencia a necessidade de se posicionar quanto à construção de seu estudo. Tal posicionamento destaca a indissociabilidade entre sua experiência enquanto mulher negra e as relações de opressão estruturadas pela desigualdade, configurando uma forma de resistência tanto subjetiva quanto estrutural.

Beatriz Nascimento destaca a relevância de incorporar a experiência como mulher negra ao processo de pesquisa, enfatizando a necessidade de posicionar-se no estudo e de afastar-se da concepção tradicional de um pesquisador neutro e desvinculado do objeto investigado. Ao defender essa postura, a autora evidencia a importância de perspectivas epistemológicas que reconheçam marcadores sociais de raça e gênero, uma vez que as desigualdades estruturam não apenas a produção do conhecimento, mas também a postura ética e política que o pesquisador deve adotar. Nesse sentido, torna-se fundamental articular o objeto de estudo à trajetória e às vivências da pesquisadora, compreendendo

que tais elementos são constitutivos do próprio processo investigativo, pois conforme argumentam Dulci e Malheiros (2021), “o saber emerge de corpos que estão situados geográfica e politicamente no mundo. Logo, se a produção do saber não é neutra, tampouco representa uma verdade universal”.

[...] muita gente não debate sobre porque não se sente à vontade

Débora

Eu acho que, para começar, fazer um barulhinho. Nas pesquisas, nas salas de aula, sempre está trazendo essa temática. É muito importante, porque muita gente também não debate sobre porque não se sente à vontade. Então, a partir do momento que tem pesquisas que trazem debates para salas de aula, eles vão se sentir à vontade para comentar. Muitas pessoas vão saber um pouco mais sobre porque não tem aquela vontade de procurar, pesquisar. Então, acho que é isso, incentivar mais as pesquisas e os debates em salas de aula, já é um grande começo.

Débora, observa que uma estratégia de enfrentamento importante é trazer à tona o debate sobre questões raciais no meio acadêmico, no entanto, observa barreiras e dificuldades em relação a esses assuntos.

A necessidade de chamar atenção em diferentes espaços, seja na perspectiva da produção do conhecimento científico, seja na materialização em processos pedagógicos realizados em espaços formais, as questões que edificam as injustiças epistêmicas devem ser explicitadas. Essa se constitui em uma estratégia que busca familiarizar e naturalizar em virtude de que constrangimentos se concretizam no âmbito da academia, potencializando a circulação mesmo que de maneira informal. De acordo com a pesquisadora tais estratégias permitem a compreensão dos motivos que levam muitas pessoas incluídas no circuito de produtividade científica a não se

permitir projetar suas vozes a respeito de temáticas diversas que estejam à margem do pensamento cartesiano colonial esperado no espaço acadêmico.

Dessa forma, a partir do momento em que uma mulher negra pesquisadora impõe sua voz na universidade e traz à tona temáticas que desafiam as estruturas não ocidentais dentro de um espaço cuja cultura se mantém enraizada em um passado colonial, machista e racista, ela está praticando uma forma de insurgência eficiente e necessária para desafiar as injustiças epistêmicas e o racismo presentes na academia. Não obstante, a ocupação dos espaços de produção do conhecimento por pessoas não brancas e por outros grupos historicamente marginalizados revela-se fundamental, pois esses sujeitos trazem consigo saberes inscritos em suas vivências e contextos sociais. Tal presença possibilita a introdução de novas perspectivas e debates no ambiente acadêmico, ampliando o horizonte epistemológico e fortalecendo a representatividade. Dessa forma, vozes anteriormente silenciadas passam a encontrar lugares legítimos de enunciação e escuta.

[...] é aquilombar, é fazer crescer!

Beyoncé

Eu passei a sofrer menos a partir do momento que passei a ter consciência do corpo que eu tenho. A partir do momento que eu tive consciência do corpo que eu tenho eu fui deixando de considerar o que as pessoas leem sobre ele. E aí, eu passei a considerar só o que eu sinto mesmo, o que eu desejo fazer

O que a gente tem feito enquanto pesquisadores, professores negros, a gente resiste, a gente briga e a gente vai tentando com o espaço que a gente vai conseguindo colocar as ideias que a gente acredita

Olha, eu acho que as estratégias que a gente utiliza é tentar

procurar parceiros. Eu acho que a primeira coisa, quando você é uma pessoa negra na academia, é procurar firmar parcerias para poder caminhar, porque eu acho que sozinho, de fato, fica muito difícil. Até emocionalmente, psicologicamente, é um serviço muito desgastante se sentir sozinho no meio acadêmico, numa estrutura branca. Então eu acho que, talvez a primeira, acho que talvez a mais eficiente das estratégias é procurar ampliar as relações, se juntar com grupos que pensam e querem lutar pelas mesmas coisas que você, e até mesmo para você se resguardar, porque caminhar sozinho é colocar seu corpo para ser ainda mais violentado. Então é bom você estabelecer parcerias, e tentar cada vez mais, eu acho que é aquilombar, é fazer crescer, é se associar a outros grupos minoritários, que é o que eu tenho feito. Acredito que a partir daí a gente consegue aglutinar mais forças, porque sozinho a gente não consegue fazer absolutamente nada, em nenhum ambiente, não só no acadêmico. Em nenhum ambiente é fácil, porque a maioria de nós ainda não ocupa as cadeiras que decidem, então pra poder criar um pouco mais de pressão e conseguir avançar a gente precisa estar aliado a outras pessoas que compartilham da mesma dor, dos mesmos atravessamentos, da mesma luta..

Porque na verdade a gente vive uma guerra racial, não é uma disputa, não é só injustiça, não é só a questão do silenciamento, a gente tem uma guerra de disputa de poder. E a questão da injustiça epistêmica, ou esse silenciamento de pessoas pretas, ele é só mais uma ferramenta pra poder continuar mantendo as coisas como elas sempre foram.

A questão da corporeidade é um elemento central na materialização das injustiças epistêmicas, tendo em vista que esta é pautada por preconceitos advindos da pessoa receptora que se depara concomitantemente com o corpo negro e, por conseguinte com articulações racistas sobre o conhecimento que baliza as perspectivas de uma pesquisadora negra. Dessa forma o ouvinte do conhecimento produzido e enunciado por um indivíduo que ela considera “inferior” por conta de um preconceito de identidade imbricado a corporeidade, como o gênero, o pertencimento étnico-racial, a classe social, dentre outros marcadores se manifesta como

barreira ao entendimento. Dessa forma, *Beyoncé* busca se colocar no espaço e defender o que acredita apesar da violência sofrida nesse espaço, articulando sua luta antirracista a outros embates que permitam que grupos minoritários tenham voz, no sentido de romper as relações de poder instituídas.

Não obstante, a pesquisadora afirma que é fundamental que se estabeleça uma rede de apoio e colaboração para lidar com o desgaste emocional e psicológico de se sentir sozinho em um ambiente predominantemente branco. É importante destacar na fala de *Beyoncé* a autoproteção, quando a pesquisadora menciona “se resguardar” como forma de se proteger contra a violência e o racismo nesses espaços, de tal maneira que o aquilombamento se constitui como estratégia de associação e enfrentamento, que, conforme supracitado, remete aos espaços de resistência dos quilombos. Conforme Souto (2020, p. 141) “aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político”.

Outro destaque a ser dado reside no fato de que *Beyoncé* observa a falta de representatividade em espaços de poder e de tomada de decisão o que remete a “[. . .] baixa representatividade da população negra nas esferas de poder leva ao círculo vicioso da falta de acesso a esses postos e também à dificuldade de evolução na escala social” Portal Geledés (2013). Dessa forma, é importante que cada vez mais tenhamos lideranças negras comprometidas com o combate ao racismo institucional no ambiente acadêmico, buscando transformar o ambiente universitário em um local menos patológico e

violento para a comunidade negra e demais grupos vistos como subalternos.

[...] estou ajudando, orientando, estou publicando para mim mesma, sem depender de ninguém

Expedita

Como é que eu enfrento isso? Simplesmente, eu meio que taquei o (...) né? Dane-se. Por um lado, eu fico pensando, eu trabalho menos, porque eu não participo de comissões que dependam deles, então é um trabalho que eu não tenho.

Não participo de bancas deles, porque também (...), mas eu participo de bancas externas, então, tipo assim, as minhas atividades, elas acontecem porque eu sou convidada por outras instituições, né? Ah, esse tempo que eu estaria fazendo alguma coisa para eles, eu estou fazendo para mim, estou escrevendo, estou corrigindo um artigo, estou ajudando, orientando, estou publicando para mim mesma, sem depender de ninguém. E aí, estou seguindo a minha vida, estou seguindo a minha carreira sem essa dependência institucional, local, né? Local, assim, dentro da minha unidade.

A pesquisadora *Expedita* utiliza uma estratégia de enfrentamento de cunho individualizado para se proteger da violência no ambiente acadêmico. Nesse caso, a entrevistada relatou sobre uma lógica de exclusão que ocorre no âmbito interno da instituição onde atua. Ao mencionar um afastamento dos colegas em relação a ela, em que a deixam de fora em bancas e em eventos sociais do departamento, *Expedita* demonstra como o racismo se manifesta cotidianamente. Dessa forma, a pesquisadora destaca que a estratégia para lidar com essas violências epistêmicas, se pauta no uso do seu tempo fundamentalmente com suas atribuições, de tal forma que se preocupa com seus próprios trabalhos, o que torna seu labor acadêmico, em certa medida, solitário e autônomo.

É nítido em seu relato que tais estratégias, condicionadas por violências epistêmicas, acabam por viabilizar alternativas de prestígio em relação à sua área de atuação que não passam por uma relação de dependência institucional, aspectos e em relação às pesquisas que desenvolve, uma vez que é chamada por bancas externas, possui um grupo de pesquisa consolidado, dentre outras atividades fora do departamento, o que chama atenção é a exclusão interna. Dessa forma, *Expedita* busca autonomia ao focar em atividades que não dependem da aprovação ou participação de colegas de sua instituição, e redireciona seu tempo e esforço para si mesma e para seus próprios projetos. Assim sendo, *Expedita* escolhe não se envolver em atividades emocionalmente desgastantes, e sim construir sua rede de apoio e reconhecimento fora de sua unidade.

[...] resgatar aquilo que a gente esqueceu e trazer para reverberar no futuro

Maria Antonieta

Eu acho que uma prática, metodologicamente falando, é trazer esse conhecimento que foi apagado e silenciado através desses escritores.

O movimento negro, a gente tem uma Sankofa que é uma ave que faz o movimento de voltar para trás e resgatar aquilo que a gente esqueceu e trazer para reverberar no futuro. Então, eu vejo que o movimento negro, a gente como pesquisadores e estudiosos, a gente busca fazer esse movimento constantemente de buscar referências, saber quem está produzindo, o que está produzindo e eu tento trazer isso também além desse trabalho de mestrado no meu dia-a-dia.

Então, eu consigo casar um pouco a minha experiência como bibliotecária, não ficar só naquele espaço nosso, atendendo público. Eu tento fazer sempre um pouco a mais porque a discussão, a gente planta a semente hoje e espera que ela seja colhida mais pra frente, então, eu vejo essa possibilidade de combater esse racismo epistêmico

dessa forma, fazer com que adolescentes adultos conheçam esses autores, conheçam as lutas, se empoderem. É uma forma de mediar a informação também e fazer com que seja acessível e disseminada em todos os espaços, principalmente a informação étnico-racial.

A entrevistada menciona em sua fala a Sankofa, cujo simbolismo significa “Aprender com o passado, construir sobre as fundações do passado” (Nascimento, 2021, p. 125). Este ideograma faz parte de um conjunto de símbolos denominado Adinkra, que se caracteriza pela imagem de uma ave que voa para frente tendo a cabeça voltada para trás, segurando um ovo com o bico. Segundo o artigo publicado por Leite (2021) no Portal Geledés, o símbolo “surgiu com o provérbio ganês “*Se wo were fi na wosankofa a yenkyi*” que significa “não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)”.

Figura 1 - Sankofa



Fonte: (Sankofa.org, [s. d.]

Dessa forma, o relato de *Maria Antonieta* traz aspectos relacionados às contribuições teóricas de pensadores e pensadoras negros e negras que são distintas das convencionalmente utilizadas à luz de uma tradição colonial, branca, heteronormativa e ocidental; tendo a necessidade de articular as mencionadas estratégias a

movimentos sociais.

A entrevistada evidencia aqui o princípio da ausência (Kilomba, 2020) já mencionado outrora em outros relatos das entrevistadas. Dessa forma, na percepção de *Maria Antonieta*, resgatar metodologicamente o uso de autores que não foram historicamente considerados e validados no âmbito da academia é a estratégia de enfrentamento consagrada pela pesquisadora.

Não obstante, a articulação aos movimentos sociais como o movimento negro implica na busca por referências teóricas e atualizações em relação aos autores e temas de pesquisa, de tal forma que esse resgate ultrapasse a perspectiva formal de obtenção de um grau acadêmico.

Outra estratégia mencionada está fundamentada na articulação entre experiência profissional e a possibilidade de mediar informações fundamentadas em autores negras, suas lutas, direcionado a públicos em franco processo de formação cultural, como forma de empoderamento.

[...] o que eu procuro fazer é estudar

Maya Angelou

O que eu procuro fazer é estudar, porque se eu acredito, se eu acredito não, se eu penso que um tema vale a pena, eu tento estudar e tento ser cabeça aberta.

Maya Angelou traz em seu relato o estudo como estratégia de enfrentamento frente à desvalorização de temáticas inovadoras. As estratégias das entrevistadas estão em ampliar e enfatizar o foco nos estudos, considerando que tal foco é fruto de situações de desrespeito. A entrevistada também fala sobre “ser cabeça aberta”, para as novas discussões na Ciência da Informação, as quais

parecem ainda sofrer resistência na área, uma vez que sabemos da origem fiscalista e positivista da CI, que busca atualmente se aproximar de estudos de cunho social, como demonstra Saldanha (2020, p. 202):

[...] a CI nasceu sob um enfoque fiscalista – consideram que seu surgimento se dá no contexto do pós-segunda guerra mundial. E é exatamente este o contexto em que, dentro da área de organização do conhecimento, o pensamento fiscalista exerce influência direta na área, demarcado por um olhar positivista – e, em determinados olhares, positivista lógico.

Desse modo, a pesquisadora busca o estudo como sua estratégia de enfrentamento, procurando combater as injustiças epistêmicas que se colocam como forma de preconceito ao conhecimento produzido por ela.

[...] eu não me sinto confortável em fazer o mínimo quando eu sei que teve pessoas que fizeram muito para as comunidades negras, pela ancestralidade negra

Aqaltune

Se você quer se tornar um ser humano que pouca gente vai tentar te desacreditar epistemicamente, você tem que ler muito. Então, eu sou uma pessoa que eu estudo demais, eu estudo o dobro do dobro do dobro.

Quando eu falo às pessoas que eu me embaso para trazer as argumentações, então, incentivar que você aprenda exatamente aqueles autores, os conceitos, os diálogos, faça as inter-relações, isso é importante para evitar que eu sofra injustiças epistêmicas, o que não quer dizer que eu não sofra, não é?

Então, por exemplo, você tem que trabalhar mais para você ser respeitada, né? Então você tem que estar disponível para aquilo que te demandam, hipoteticamente, né? Você tem que mostrar que você sabe, tem que estudar mil vezes

mais, tem que ser muito boa naquilo que tu faz, se tu cometeres um erro, nossa, coitada de ti, entendeu?

Mas dentro daquilo que eu posso, eu sempre tento ser a melhor possível. Hoje eu sempre brinco “os seus 30 por cento serão os 100 por cento está tudo bem”. Só que por muitos anos as minhas estratégias sempre foram essas muito estudo. A minha estratégia de enfrentamento nesse sentido contra essas injustiças então foi estudar muito, é saber de ponta a ponta os referenciais teóricos que me embasam, o que eles falam, é ter fichamento de todos os meus textos. Sempre estar buscando me inteirar daquilo que está acontecendo, que vai trazer para o meu fortalecimento intelectual, que permita então o meu desenvolvimento enquanto pesquisador, enquanto sujeito, enquanto mulher. Buscar saber um pouco mais da minha ancestralidade. Eu não me sinto confortável em fazer o mínimo quando eu sei que teve pessoas que fizeram muito para as comunidades negras, pela ancestralidade negra, que criaram biografias, que criaram sistemas de organização do conhecimento que criaram formas de enfrentar aquilo que eles sofriam.

Aqaltune em seu relato traz um pouco de como é sua relação com o estudo, e principalmente, de como seu esforço em relação ao aprofundamento teórico se constitui como uma espécie de armadura contra desrespeitos e violências no espaço acadêmico do qual ela faz parte. É nítido em sua fala as demandas intelectuais dobradas que a entrevistada acaba por executar para que seja respeitada, o que nem sempre se concretiza.

Grada Kilomba (2019) discorre acerca do elemento dissociativo empregado em frases como “ela é negra, *mas* é inteligente”, o “*mas*” é o elemento dissociativo, e ele desvincula a inteligência da negritude, sugerindo que as duas características não podem coexistir naturalmente. Explica a autora que para combater essa dissociação, pessoas negras sentem a necessidade de associar a negritude à excelência em todas as suas competências. Discorre Kilomba (2019, p. 176) “nos tornamos atrizes e atores excelentes de nossas

competências: nada medíocre, nada ordinário, nada mediano, mas sim excelente.”

Como vimos anteriormente, o privilégio epistêmico permeia o tecido acadêmico e beneficia o conhecimento orientado à branquitude, isso significa que o conhecimento produzido e validado nos espaços acadêmicos tende a favorecer perspectivas brancas, e colocam à margem saberes contra-hegemônicos, bem como as vozes de indivíduos que buscam trabalhar com essas temáticas.

Grada Kilomba (2019, p. 52) enfatiza que há uma “hierarquia violenta que determina quem pode falar”, e que muitas vezes os saberes advindos de pesquisadores negros são desqualificados como uma ciência credível. Assim sendo, para uma pesquisadora, mulher e negra ter seu espaço de fala e de construção de conhecimento respeitado, é necessário que ela demonstre o completo domínio sobre o que diz, e um pouco mais, ainda que isso não seja igualmente cobrado de pessoas brancas.

Eu tenho muitas amizades negras e não negras que falam sobre a dificuldade que é você estar na academia, você passar por todos esses processos que muitas vezes tu está sozinho. A academia, a pesquisa, o mestrado e o doutorado... é algo sozinho. Ao mesmo tempo, outra estratégia é me aquilombar.

Aqaltune também fala sobre o aquilombamento, assim como a pesquisadora *Beyoncé*, salientando a importância de construir alianças e parcerias para lidar com a dificuldade de estar sozinha em um espaço hostil para pessoas negras. Dessa forma, o esforço intelectual e o aquilombamento se tornam ferramentas importantes para seguir presente no meio acadêmico, impondo sua voz e

produzindo conhecimento que desafia as estruturas de poder vigentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de enfrentamento utilizadas por pesquisadoras negras na Ciência da Informação demonstram que o aquilombamento se constitui como a principal estratégia adotada pelas pesquisadoras negras para continuar resistindo e produzindo conhecimento nestes espaços, pois ele se forma a partir da união entre colegas que compartilham as mesmas dores e vivências cotidianas. Essa união não só articula a constituição de espaços simbólicos de acolhimento, como também objetiva o fortalecimento e a luta por mudanças institucionais e estruturais dentro da universidade. Outra estratégia mencionada nos relatos analisados foi a estratégia de cunho metodológico, que se constitui a partir de colocar-se no texto, de desenvolver pesquisas orientadas à decolonialidade, buscando autores, métodos e epistemologias do Sul, confrontando o atual modelo científico imposto que beneficia saberes oriundos do norte global. Alinhadas à essa perspectiva, as pesquisadoras destacaram como forma de enfrentamento a prática de resgatar saberes que foram historicamente ocultados ou até mesmo apagados por meio do epistemicídio e do memoricídio.

Ademais, como estratégia de enfrentamento que aqui chamarei de individualizada, elas mencionaram a ênfase no estudo aprofundado. Essa abordagem visa blindá-las contra episódios de deslegitimação e descredibilização, permitindo que provem seu domínio sobre os assuntos em questão por meio de esforço intelectual contínuo. Ao se dedicarem a esse processo de

aprendizado, as pesquisadoras não apenas reforçam sua competência, mas também desafiam ativamente as narrativas que tentam desvalorizar suas contribuições ao campo acadêmico.

Por fim, concluo este texto dizendo que ao desbravar as estratégias de enfrentamento às violências e injustiças epistêmicas confiadas a nós por meio dos relatos de *Beatriz Nascimento*, *Beyoncé*, *Débora*, *Maya Angelou*, *Expedita*, *Maria Antonieta* e *Aqualtune*, tivemos contato com sentimentos extremamente desconfortáveis e necessários para compreender que o ambiente acadêmico é um ambiente extremamente violento de perpetuação do epistemicídio e da exploração do corpo negro, que busca a todo momento lembrar pessoas não brancas de que elas não pertencem a este lugar. Dessa forma, estar presente e desenvolver estudos que subvertem essa lógica constitui um passo fundamental para fazer reverberar vozes antes apagadas e para afirmar a potência de conhecimentos que, historicamente, se tentou silenciar. Que essas produções ecoem não apenas como resistência, mas que abram caminhos para que novas epistemologias floresçam e reivindicuem, de modo incontestável, o lugar que sempre lhes foi devido.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, p. 273–294, 1998. Disponível em: <http://lume.ufrgs.br/handle/10183/23114>. Acesso em: 5 out. 2025.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>. Acesso em: 12 out. 2025.

DEMÉTRIO, F.; BENSUSAN, H. N. O conhecimento dos outros: a defesa dos direitos humanos epistêmicos. **Revista do CEAM**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 110–124, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/22296>. Acesso em: 12 out. 2025.

DULCI, T. M. S.; MALHEIROS, M. R. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, Porto Belo, v. 5, n. 1, p. 174–193, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>. Acesso em: 12 out. 2025.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRICKER, M. **Epistemic injustice**: power and the ethics of knowing. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FRICKER, M.; BERNABÉU, C. Conceptos de injusticia epistémica en evolución. **Las Torres de Lucca**: International Journal of Political Philosophy, Madrid, v. 10, n. 19, p. 97–104, 2021. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/LTDL/article/view/76466>. Acesso em: 12 out. 2025.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Racismo institucional**: uma abordagem conceitual. São Paulo: Geledés, 2013.

GROSFUGUEL, R. La descolonización del conocimiento: diálogo crítico entre la visión descolonial de Frantz Fanon y la sociología descolonial de Boaventura de Sousa Santos. In: VIANELLO, A.; MAÑÉ, B. (ed.). **Formas-Otras Saber, nombrar, narrar, hacer**. Barcelona: CIDOB edicions, 2012.

HARDING, Sandra. **Is science multicultural?**: Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies. Indiana University Press, 1998.

JOHNSON, V. E.; NADAL, K. L.; SISSOKO, D. R. G.; KING, R. “It’s Not in Your Head”: Gaslighting, ‘Splaining, Victim Blaming, and Other Harmful Reactions to Microaggressions. **Perspectives on Psychological Science**: A Journal of the Association for

Psychological Science, v. 16, n. 5, p. 1024–1036, 2021. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/17456916211011963#tab-contributors>. Acesso em: 12 out. 2025.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORÁN, A. Las injusticias informativas como injusticias epistémicas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 44–63, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/incid/article/view/152970>. Acesso em: 12 out. 2025.

NASCIMENTO, E. O. Colonialidade, Modernidade e Decolonialidade: Da Naturalização da Guerra à Violência Sistêmica. **Intellèctus**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 54–73, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/58456>. Acesso em: 12 out. 2025.

SALDANHA, G. S. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. (Coleção PPGCI 50 anos).

SANTOS, G. N. DOS. A linguagem como zona do não-ser na vida de pessoas negras no sul global. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 60, p. e-53299, jan. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/53299>. Acesso em: 12 out. 2025.

SANTOS, V. M. dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 30, p. e200112, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/FZ3rGJJ7FX6mVyMHkD3PsnK/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.

SHERMAN, B. R.; GOGUEN, S. (org.). **Overcoming epistemic injustice**: social and psychological perspectives. London: Rowman & Littlefield International, Ltd, 2019. (Collective studies in knowledge and society).

SILVA, F. P.; BALTAR, P.; LOURENÇO, B. Colonialidade do Saber, Dependência Epistêmica e os Limites do Conceito de Democracia na América Latina. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as**

Américas, Brasília, v.12 n.1, p. 68-87. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/15980>.
Acesso em: 12 out. 2025.

SOUTO, S. S. de S. Aquilombar-se: insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Metamorfose**, Salvador, v. 4, n. 4, 2020.
Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426/21352>. Acesso em: 12 out. 2025.

SUE, D. W.; CAPODILUPO, C. M.; TORINO, G. C.; BUCCERI, J. M.; HOLDER, A. M.; NADAL, K. L.; ESQUILIN, M. Racial microaggressions in everyday life: Implications for clinical practice. **American Psychologist**, Washington, v. 62, n. 4, p. 271–286, 2007.